

A Artilharia na Transposição de Cursos D'água

Ten.Cel. HEITOR BORGES FORTES
da E.A.O.

1. **GENERALIDADES** — Costuma-se estudar a Transposição de cursos d'água sob duas modalidades:

TRANSPOSIÇÃO AGRESSIVA,

IMEDIATA

TRANSPOSIÇÃO PRÉVIAMENTE ORGANIZADA

(ou à viva força)

A primeira tem lugar geralmente na fase da perseguição, quando o inimigo se acha desorganizado e o comando tem justificativa para correr riscos, procurando realizar a **surpresa** e garantir o cumprimento da missão.

A segunda exige um planejamento minucioso e preparação cuidadosa, pois um inimigo bem instalado tem todas as vantagens da defensiva, acrescidas pela presença do obstáculo constituído pela massa d'água do rio — com os fatores que isto envolve: largura, correnteza, profundidade, natureza das margens, acessos, etc.

De ambas as modalidades participa a Artilharia, de campanha e anti-aérea.

Na primeiro caso a descentralização é a regra; no segundo, planos bem coordenados regulam o emprego da Artilharia em proveito da travessia do curso d'água pelos elementos de primeiro escalão — e nas fases sucessivas da operação.

Vejamos, pois, este aspecto do problema.

2. A TRANSPOSIÇÃO PRÉVIAMENTE ORGANIZADA

O Manual C. 8-20 (nº 102), segue a orientação preconizada no FM 100-5

para o planejamento da operação — encarando-a decomposta em 3 fases, correspondendo à conquista de **três objetivos**:

1.º — uma posição eliminando o fogo eficaz e direto das armas portáteis e automáticas contra a frente de travessia;

2.º — uma posição que realiza a conquista dos observatórios terrestres que dominam a margem, eliminando assim o fogo observado da artilharia, contra os locais escolhidos para o lançamento das pontes de equipagem;

3.º — uma posição que engloba as posições de bateria do inimigo, acarretando a eliminação do fogo de artilharia adversa e proporcionando o espaço de manobra necessário à força atacante na margem conquistada.

Para realização do apêlo com as possibilidades máximas recomenda-se inicialmente um desdobramento da artilharia bem à frente (posições bem avançadas) e a dispersão por uma larga frente, por forma a servir o mesmo dispositivo, quer às forças empenhadas na ação principal, quer às que, em missão secundária, fazem manobra de diversão nos flancos (A operação é levada a efeito em **larga frente**, finta, demonstrações, lumaça sendo recursos para despistar sobre o local do esforço principal).

Em minúcia os fatos se passam da seguinte forma no quadro da D.I.

3. **Primeira Fase** — conquista do primeiro objetivo

A Infantaria de primeiro escalão atravessa geralmente em botes de assalto.

travessia e o reagrupamento das Unidades se faça.

O que se deve ter em vista realizar é que a medida que **bócas de fogo** emudeçam na margem amiga, outras tantas passem a atuar na margem conquistada.

Para o artilheiro a conquista de 82 termina com a presença na margem conquistada de toda a Art. de apóio direto aos RI.

5. CONQUISTA DO 3.º OBJETIVO

Para a conquista do terceiro objetivo no quadro divisionário, necessário se torna passar o rio com as reservas de RI e Divisionária — com os Grupos de Ação de Conjunto, com as Bias, A. Aé. e com os carros de que se dispuser.

Parte desses elementos pode passar em meios descontínuos (portadas), como já foi indicado, sendo mais segura a passagem pela **ponte de EQUIPAGEM**, cuja construção é possível uma vez eliminada a atuação maciça da art. inimiga sobre o rio, por falta de observatórios terrestres.

— Em rios de grande largura a Art. e os carros passarão em embarcações (LCT e LCM).

O ataque ao 3.º objetivo se faz, pois, com o emprego das reservas da D.I. na direção de esforço principal e com o apóio de toda a A.D. centralizada, e mais o relatório daquela dos escalões C. e Ex. postada na margem amiga que esteja em condições de intervir.

É oportuno lembrar a importância de se ter a cooperação da aviação de combate em proveito das forças de terra, especialmente na fase final.

6. Posteriormente, o afluxo para a ponte de equipagem de elementos de serviço das unidades das Armas e dos serviços divisionários, impõe uma obediência rigorosa às prioridades estabelecidas pelo Comando em seu plano de transposição.

As Bias, de Serviço e Trens das

Sub-unidades do Grupo, conformando-se às ordens superiores, aguardam nos locais indicados a hora que lhes couber para fazer a travessia do rio, realizando-a quando determinado e nas condições impostas pelo elemento regulador (de engenharia) instalado na cabeceira da ponte ou no caminho de acesso.

7. CONDUTA DA TROPA NA TRAVESSIA DE PONTES (2)

ARTILHARIA HIPOMÓVEL — Para as tropas hipomóveis, apesar da evolução dos materiais, na execução da travessia de pontes de equipagem continuam em vigor as prescrições dos regulamentos anteriores à segunda Guerra Mundial.

O pessoal que dispõe de montada individual faz a travessia a pé, puxando o animal pela rédea, e do lado exterior — se se estiver formado por dois.

As viaturas com atrelagem a 2 ou 3 parelhas são conduzidas à ponte com os serventes dispostos ao lado dos animais de mão — estando os condutores guia e médio a pé; apenas o condutor tronco permanece montado, é o principal responsável pela velocidade e direção da viatura na travessia da ponte.

Nas viaturas de boléa o condutor permanece em seu lugar, enquanto outros homens enquadram os animais, evitando que se assustem e guinem para um dos lados da ponte.







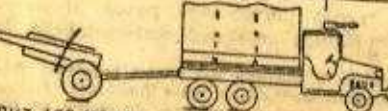
Todos os elementos citados mantêm-se como indicado até uma distância razoável da ponte (200 a 500 m) — só depois disso sendo lícito montar — pois as paradas sobre a ponte dificultam o escoamento regular nesta, de outros elementos em curso de travessia.

8. ARTILHARIA MOTORIZADA — Nas tropas motorizadas, o conhecimento prévio dos pesos brutos dos veículos com seu carregamento, faci-

(2) Vimos na Itália o rigor com que se regulava a travessia nas pontes instaladas sobre o rio Pó, em Pavia e em Piacenza — medidas perfeitamente cabíveis pelas limitações técnicas do material, necessidades logísticas e táticas, de par com as possíveis mudanças do regime do rio.

Jamais esqueceremos que uma ponte de barcos, material italiano, devido a uma súbita enchente do rio Pó, em Piacenza — causada por uma chuva local que não durou 15 minutos, rebentou espetacularmente, depois de esticar como um budoque — não havendo felizmente prejuízos pessoais devido às medidas de ordem impostas aos transeuntes.

CARACTERÍSTICAS DAS VIATURAS DO G.O. 105

VIATURAS	PESO EM TONS.	DIMENSÕES (mts)			VÁU (metros)	Nº DE HOMENS TRANSP.	PROFUND. NA COLUNA
		COMPR.	LARG.	ALTURA			
 VIATURA $\frac{1}{4}$ TON. 4X4	1,5	3,35	1,58	1,31	0,45	3	5mts
 VIATURA $\frac{1}{4}$ TON. 4X4 C/REB. $\frac{1}{2}$ T.	2,4	4,80	1,58	1,31	0,45	3	8mts
 VIATURA $\frac{3}{4}$ TON. 4X4	3,5	4,45	2,18	2,10	0,85	8	7mts
 VIATURA CMO. $\frac{3}{4}$ TON. 4X4	3,4	4,45	1,92	2,07	0,85	4	7mts
 AMBULÂNCIA	3,9	4,93	1,98	2,28	0,85	-	7mts
 VIATURA CARGA 2 $\frac{1}{2}$ TON. 6X6 (CHASSIS LONGO)	8,0	6,74	2,24	2,80	0,45	25	10mts
 CAMIÃO 105 H2A2 - CAMINHÃO $\frac{1}{2}$ TON. 6X6 (CHASSIS CURTO)	9,5	8,25	2,25	2,80	0,45	12	14mts

lita o contróle por parte do regulador. (3)

Em campanha, as viaturas de carga levam em lugar visível uma pequena chapa circular com 2 números, sob a forma fracionária — o numerador representando o peso da viatura em toneladas (n.º redondo) — com a carga completa, e o denominador o peso da viatura somada ao de seu reboque — nas mesmas condições, isto é, com a carga prescrita.

Assim, um jeep com reboque leva a inscrição 2/3 e um trator de peça com o obús 105; 7/10.

Desde logo se conclui que o jeep passa em pontes até 3 ton., quando com reboque; 2 ton. sem este; o trator de peça (caminhão de 2 1/2 ton.) — (7 toneladas) mais o obús 105 (2 1/2 a 3 ton.) nas de 10 ton.

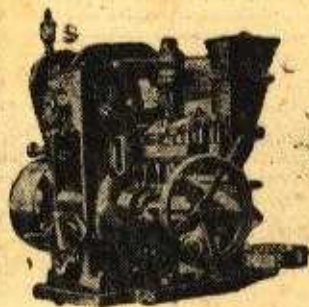
Outra prescrição a observar, mesmo nas pontes de grande tonelagem, é a não passagem simultânea de duas viaturas num mesmo vão ou numa ponte de taboleiro curto, o que se obtém pelo escalonamento das viaturas de uma unidade ou de um comboio — distanciando-as de 50 a 100 metros.

(3) O quadro anexo, organizado para o G.O. 105, indica as características de suas viaturas motorizadas.



Fábrica de Peças, Máquinas e Modelos Mecânicos

MAQUINAS PARA QUAISQUER FINS,
AUTOMATICAS E SEMI-AUTO-
MATICAS



J. Vincze

CONSTRUÇÃO E RECONSTRUÇÃO
DE MAQUINAS - FABRICANTES DOS
AQUECEDORES DE IMERSAO USA-
DOS NOS RANCHOS DOS QUARTÉIS

R. NABOR DO REGO, 637 — RAMOS

Telefone — 30-1654

RIO DE JANEIRO — BRASIL